

REFERÊNCIA:

LEFFA, Vilson J. A universidade e sua influência no ensino de 1º e 2º graus: a experiência da UFRGS. Trabalho apresentado na 47ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. São Luís, 09-14 de agosto de 1995, p.176. (Resumo)

A UNIVERSIDADE E SUA INFLUÊNCIA NO ENSINO DE 1º E 2º GRAUS

A EXPERIÊNCIA DA UFRGS

Vilson J. Leffa

REFERÊNCIA:

LEFFA, Vilson J. A universidade e sua influência no ensino de 1º e 2º graus: a experiência da UFRGS. Trabalho apresentado na 47ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. São Luís, 09-14 de agosto de 1995, p.176. (Resumo)

O objetivo desta palestra é mostrar o que se tem tentado fazer no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em termos de Lingüística Aplicada ao ensino da Língua Materna e de Línguas Estrangeiras. Quando proponho falar sobre lingüística aplicada, estou excluindo não apenas o que é feito em termos de literatura e cultura mas também excluo o que é feito na área de estudos lingüísticos, tanto de língua materna como de línguas estrangeiras. Ao caracterizar a lingüística aplicada como aquilo que sobra depois que todas essas áreas de conhecimento forem tiradas, estou tentando dizer duas coisas, uma de caráter *positivo* e outra de caráter *menos positivo*. A coisa de caráter positivo é que a lingüística aplicada existe na

UFRGS. A de caráter menos positivo é que a Lingüística Aplicada, na minha instituição, não tem o prestígio das outras áreas de conhecimento.

Enquanto que nas áreas da literatura e da língua, tivemos nomes de projeção nacional como os dos professores Guilhermino Cesar e Celso Pedro Luft para citar apenas dois exemplos na área de língüística aplicada não há essa tradição de grandes nomes. Da mesma forma, enquanto que na área dos estudos lingüísticos, há a tradição de grandes projetos de pesquisa, desde o antigo Projeto de Norma Urbana Culta (Projeto NURC), transformado agora em banco de dados, até os mais recentes projetos do Atlas Lingüístico-Etnográfico (Projeto ALERS) e do Projeto de Variação Lingüística na Região Sul do Brasil (Projeto VARSUL) para citar também apenas alguns exemplos na área de lingüística aplicada não há um projeto de pesquisa que seja amplamente identificável.

Existe também o problema de espaço institucional. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem tido como um de seus órgãos auxiliares um Centro de Lingüística Aplicada, criado no início da década de setenta, visando a dois grandes objetivos: pesquisa e atualização de professores. Atualmente esse centro está sendo transformando num centro de pesquisa interdisciplinar, envolvendo, além da pesquisa lingüística, também os estudos literários. Embora essa transformação seja vista como um ganho por muitos de meus colegas, principalmente num momento em que se fala tanto em interdisciplinaridade, pessoalmente vejo como mais um golpe no prestígio da lingüística aplicada em nossa instituição.

Entendo que há duas causas principais para essa queda de prestígio. A meu ver, a trajetória da Lingüística Aplicada na Universidade Federal do

Rio Grande do Sul foi marcada por duas tragédias que há médio e longo prazo tem afetado o desenvolvimento da área. A primeira é a falta de recursos humanos, ampliada até pela morte prematura de colegas, como foi o caso das professoras Fátima Harbich e Maria Helena Célia. Não se pode construir uma história baseada em hipotéticos "ses", mas, a meu ver, se essas duas colegas estivessem vivas, e apenas continuado o trabalho que já vinham fazendo, a história da Lingüística Aplicada na UFRGS teria sido diferente.

Outra tragédia foi o desmantelamento do ensino público no Rio Grande do Sul, causado principalmente pelo aviltamento do salário do professor, que levou a um enorme desprestígio da carreira. Este ano, o salário do professor, em valores referenciais, corresponde a 1/6 do valor da década de setenta. No Rio Grande do Sul muito poucos estão dispostos a seguir a carreira de professor. Os alunos que ainda estão na graduação, debandam para outros cursos, e os que já estão formados passam a exercer outras atividades. Tenho ex-alunos que com o diploma de professor estão atualmente vendendo sorvete, fazendo confecções e uma que é "sacoleira" sem querer desmerecer qualquer uma dessas atividades.

Isso significa que o trabalho que vínhamos mantendo com os professores do Estado, através de convênios com a Secretaria Estadual de Educação, foi gradualmente se esvaziando. As turmas nos cursos de atualização que oferecemos aos professores, e que eram de até 150 inscritos na década de oitenta, passaram para uma média de 15 este ano, ainda assim compostas agora principalmente de professores de escolas particulares; isto é, um projeto que se originou de um convênio envolvendo as escolas públicas passa agora a atender as escolas particulares. O professor

de escolas estaduais, em termos do nosso trabalho, passou a ser uma espécie em extinção. Em um curso que estou dando atualmente numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, numa turma de 17 professores, há apenas duas professoras estaduais: uma que vai se aposentar no fim do ano e talvez por isso não tenha largado o estado e outra que iniciou no começo do ano, provavelmente enquanto espera algo melhor.

Esse é o pano de fundo da lingüística aplicada na UFRGS, visto sob uma ótica reconhecidamente pessoal. Tenho certeza de que alguns de meus colegas não compartilham dessa visão e têm uma perspectiva bem mais otimista.

O que vou tentar fazer no decorrer desta apresentação é mostrar como nos articulamos para enfrentar e resolver alguns desses problemas. Vou tentar ser o mais objetivo possível, mas reconheço que vou transmitir a vocês a realidade como a vejo; não necessariamente como meus colegas a vêem.

Vou tentar decompor essa realidade em dois grandes cortes: um, em relação aos sujeitos das nossas iniciativas: às vezes aluno, às vezes professor, às vezes dentro, às vezes fora da universidade; outro corte, em relação ao âmbito de atuação, que pode ser administrativo ou acadêmico. Pessoalmente, tenho uma tendência a priorizar a ação acadêmica, mas com o tempo estou cada vez mais me convencendo mais da importância da ação administrativa, desde a locação de tempo, espaço e recursos, incluindo aí os recursos humanos, até a estrutura e o funcionamento do sistema de ensino.

Vou tentar descrever o que fazemos no ensino, na extensão e na pesquisa, destacando a reformulação do currículo que estamos implementando, o programa de iniciação científica dos alunos da

graduação, o ensino de português para estrangeiros e programas de atualização de professores.

Dentro da universidade, há duas situações que gostaria de descrever rapidamente. Uma é a do aluno do curso de letras, dividido em duas opções: licenciatura e bacharelado. A outra situação é a do aluno que está fora do curso de letras, mas que frequenta as chamadas disciplinas instrumentais, ministradas por professores do Instituto. Uma observação que acho importante fazer aqui é de que há mais alunos nas disciplinas instrumentais do que nas disciplinas do Curso de Letras. Outra observação é de que, dentro do curso de letras, há mais alunos no bacharelado, com ênfase na formação de tradutores, do que na licenciatura, com ênfase na formação de professores. Os alunos que optam pelo magistério são a minoria de uma minoria. Embora haja uma procura muito grande por professores no Rio Grande do Sul, tanto nas escolas públicas, como nas particulares e nos cursos de língua estrangeira, esse mercado de trabalho não atrai o aluno de letras, que prefere o curso de tradutor, embora com reduzida oferta de emprego o que obriga muitas vezes o tradutor a exercer outras atividades, inclusive a do magistério. Há, portanto, uma discrepância entre o que o mercado oferece e o que o aluno procura. A grande oferta de empregos na área do magistério deveria tornar mais interessante a carreira do professor, mas isso não acontece, porque, embora reconhecido por lei como profissão, o magistério pode ser exercido por qualquer pessoa, com ou sem diploma, com ou sem registro. O Curso de Letras da UFRGS, como os demais cursos do país, caracteriza-se, em resumo, pela evasão e baixa procura, pela frequência de alunos de baixa renda, por sofrer com a política de baixos salários e por formar um profissional desprestigiado (Castro, 1994).

Dentro da graduação, fez-se uma reformulação do

currículo, um trabalho que foi feito pela Comissão de Carreira do Instituto de Letras junto com os professores e alunos, levando em consideração a legislação, que regulamenta os cursos de letras, e as disponibilidades de horário, procurando, por exemplo, não aumentar a carga horária do aluno, embora contemplando os diferentes segmentos, inclusive o da lingüística aplicada. A idéia foi conciliar duas direções opostas: de um lado, ampliar as possibilidades de escolha dentro de um elenco de disciplinas (são mais de 180 entre as de caráter obrigatório, obrigatório-alternativo e opcionais), aumentando inclusive a oferta de terminalidades profissionais (português, português-latim, português-grego, português e uma língua estrangeira, podendo escolher entre alemão, espanhol, francês, inglês e italiano) e, do outro lado, oportunizar um conhecimento mais aprofundado na área específica de atuação, possibilitando, por exemplo, a licenciatura exclusiva em língua estrangeira.

Em termos do perfil do profissional desejado, tivemos como meta as seguintes características:

formação de um profissional crítico e criativo, que não se limite a reproduzir conteúdos;

articulação ensino, pesquisa e extensão, permitindo que o aluno de graduação se engaje desde cedo em projetos pedagógicos e de pesquisa;

atuação participativa na sociedade, em seu comprometimento com a educação e com a atividade da tradução (Castro, 1993, p. 8-9).

A consecução desses objetivos depende não apenas dos procedimentos didáticos a serem adotados mas também de aspectos administrativos, envolvendo articulação com o curso de pós-graduação, com outros cursos da universidade, com outras

universidades, com a secretaria de educação do estado e da prefeitura e com os órgãos de fomento à pesquisa.

Isso é o que se almeja. E há sempre uma diferença, maior ou menor, entre o que se almeja e o que se alcança. Acho, porém, que o que se alcança no nosso caso não está muito aquém do que se almeja, pelo menos em termos de qualidade. Onde se fica a desejar é na quantidade. O número de professores formados a cada ano é muito pequeno, e vem diminuindo cada vez mais. Se, por um lado, formamos um profissional relativamente competente no domínio da língua e do ensino da língua por outro lado formamos um número muito reduzido em relação aos que entram no curso. Há uma evasão muito grande, causada pela simples desistência ou fuga para outros cursos. Há também os alunos de outros cursos que usam o curso de letras apenas como um curso de línguas, onde adquirem conhecimento que podem servir para suas áreas de interesse.

Não é muito difícil entrar no curso de letras, mas é difícil permanecer nele. Além das causas externas ao curso, como o desprestígio da carreira do professor, há também causas internas, entre elas, o nível de exigência do curso. Para diminuir a diferença entre o que se almeja e o que se alcança, temos mantido elevados tanto o nível de entrada no curso, principalmente no caso da língua inglesa, como a carga horária das disciplinas.

No caso da língua inglesa, iniciamos o primeiro semestre no nível intermediário. Como esse nível é muito elevado para alguns alunos, criamos uma cadeira básica, de introdução à língua, com créditos mas de caráter opcional, para atender aos alunos mais fracos. A idéia é preparar esses alunos para o nível intermediário, mas parece que isso também

não está sendo conseguido. De um lado, um semestre é pouco para os alunos de nível iniciante ou falso iniciante; de outro, vários alunos, para não se atrasarem no curso, freqüentam o curso básico e o primeiro semestre de língua inglesa ao mesmo tempo o que acaba anulando o objetivo desse curso básico.

Além da exigência de um nível de entrada relativamente elevado, há também uma carga horária igualmente elevada. Na parte do currículo dedicada às disciplinas teóricas, excluindo as línguas vernaculas e estrangeiras, e as disciplinas didáticas que são cursadas na Faculdade de Educação (Psicologia da Educação, Estrutura e Funcionamento de I e II Graus e Didática Geral), o futuro professor passa por quatro semestres de lingüística pura e aplicada e por três semestres de didática específica de ensino de línguas, incluindo teoria e prática de sala de aula.

Dentro da lingüística geral, além de uma visão abrangente da fonologia, morfologia e sintaxe, procura-se desenvolver também noções básicas de semântica, pragmática e lingüística textual. Dentro da lingüística aplicada, há duas ramificações: temos uma disciplina chamada Lingüística Aplicada à Tradução, para os alunos do bacharelado, e uma outra chamada Lingüística Aplicada ao Ensino, para os alunos da licenciatura.

Na Lingüística Aplicada à Tradução, o programa desenvolvido pelos colegas procura contemplar diferentes áreas e como essas áreas podem contribuir para a tradução. As áreas são Análise Contrastiva, Pragmática, Lingüística do Texto, Psicolingüística e Sociolingüística. Exemplos de contribuições, para dar uma idéia dos tópicos desenvolvidos, estão os estudos sobre o uso de auxiliares modais do inglês comparado com o português, análise dos fatores que

facilitam e dificultam a tradução, a questão do tema e foco na tradução, as motivações discursivas no uso de diferentes formas lingüísticas, o papel do leitor na compreensão do texto, etc.

Na Lingüística Aplicada ao Ensino, procura-se desenvolver três áreas: a aquisição da escrita, o ensino da língua materna e o ensino da língua estrangeira.

Essas disciplinas são ministradas pelos professores de lingüística do Departamento de Lingüística e Teoria Literária, com ênfase maior nos aspectos lingüísticos, principalmente em estudos de variação e de aquisição da língua portuguesa, incluindo pesquisas conduzidas pelos professores da UFRGS e da PUC-RS, onde os estudos nessas duas áreas são bastante desenvolvidos. Essa ênfase no suporte lingüístico tem a vantagem, no nosso caso, de evitar que ocorra a repetição de conteúdos quando o aluno passa para as disciplinas de didática específica.

Essas disciplinas, incluindo prática de ensino, eram originalmente ministradas na Faculdade de Educação, mas passou para o Departamento de Línguas Modernas, com um acréscimo na carga horária, de um para três semestres. Achemos que a área de conhecimento envolvida na didática de línguas estava mais próxima do nosso departamento e que um semestre era pouco para desenvolver o perfil do profissional que desejávamos.

O que o aluno vê nesses três semestres? O primeiro é uma introdução à teoria do ensino de línguas. Partimos de uma definição geral de aprendizagem, incluindo aspectos comportamentais, cognitivos e humanísticos e concluimos com a aprendizagem específica de línguas. O segundo e o terceiro semestres visam à prática do magistério através do estágio, com ênfase, primeiro, na observação da sala

de aula e, finalmente, no desempenho do futuro professor.

Isso é basicamente o que acontece na graduação dentro do curso de letras. Fora do curso de letras, temos os cursos instrumentais. Esses cursos podem ser obrigatórios ou opcionais, embora sempre contando crédito para o aluno. Podem ser especificamente planejados para uma determinada área, reunindo alunos de um determinado curso ou gerais, reunindo numa só turma alunos de diferentes cursos. Entre os cursos específicos temos os de língua inglesa instrumental que são dados para a biblioteconomia, matemática computacional e informática.

A ênfase, nestes cursos, é sempre na compreensão do texto acadêmico e apresenta os problemas típicos do ensino de línguas instrumentais: falta de domínio lingüístico básico por parte do aluno, falta de domínio do conteúdo específico de cada curso, tanto por parte do professor como do aluno. A melhor solução que encontramos foi a especialização do professor numa determinada área. No momento, por exemplo, temos um professor para a área de biblioteconomia e outro para a área de informática.

Também fora do curso de letras estão os exames de proficiência em língua estrangeira, que é feito para alunos de mestrado e doutorado de todos os cursos da universidade. Como nos cursos de língua instrumental, a ênfase está na compreensão do texto acadêmico, dividido nas oito áreas do CNPq, diante da impossibilidade de preparar uma prova específica para atender a cada uma das dezenas de cursos diferentes. A filosofia básica nestas provas de proficiência tem sido propor ao examinando tarefas o mais próximo possível de uma situação real de leitura com todos os desafios que isso significa, ou seja, não apenas usando um texto autêntico mas

também, o que é muito mais difícil pessoalmente acho que é impossível criando uma tarefa autêntica de leitura. Como no caso do instrumental, a tarefa ficou a cargo de um grupo de professores. Criamos assim uma comissão permanente, encarregada de preparar, aplicar e corrigir essas provas.

Uma experiência, que já existe há algum tempo, mas que se expandiu muito nos últimos anos, pelo menos dentro do nosso instituto, é o programa de bolsas de iniciação científica para alunos da graduação. A passagem da simples reprodução para a produção de conhecimento tem sido um desafio para os professores. Exige, no mínimo, a existência de projetos de pesquisa; o que, por sua vez, exige uma postura pelo menos inquisidora por parte de professores e alunos. Para nós, professores, a experiência de ter alunos como bolsistas nos fez sentir também a importância dos aspectos administrativos para o bom êxito de um projeto. Tivemos que aprender rapidamente não só como administrar um projeto por dentro desenvolvendo um relacionamento eficiente com os membros da equipe, agilizando os encontros, distribuindo e compartilhando as tarefas de maneira adequada, traçando objetivos claros e atingindo esses objetivos mas também por fora fazendo os contatos necessários com a comunidade envolvida no projeto.

Um elemento importante no bom êxito desse programa tem sido o apoio dos órgãos de fomento à pesquisa, principalmente da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul) e do CNPq e a continuidade com que o programa tem sido mantido. Essa continuidade é importante porque permite a formação de equipes de pesquisa e a renovação constante dos bolsistas, onde os mais experientes vão ajudando a treinar os mais novos, mantendo o projeto, ajudando a produzir conhecimento e a formar futuros pesquisadores. O

programa de bolsas de iniciação científica é, a meu ver, uma das melhores maneiras de integrar a graduação com o mestrado.

O programa de iniciação científica também tem ajudado a deslançar projetos, que antes ficavam muitas vezes emperrados por falta de recursos humanos. A disponibilidade dos bolsistas tem sido importante não só para a coleta e auxílio na análise de dados, mas até na elaboração dos relatórios e divulgação dos projetos. Nossos alunos tem participado de salões, feiras, exposições e até de encontros nacionais, como vem acontecendo com a SBPC, por exemplo.

Vou procurar resumir aqui três projetos que estão sendo desenvolvidos atualmente na área de lingüística aplicada. São projetos no sentido amplo do termo, envolvendo não apenas pesquisa mas também atividades de extensão, principalmente na área de formação de professores. Esses três projetos relacionam-se ao ensino da língua materna, ensino do português como língua estrangeira, e ensino da língua inglesa nas escolas de 1º e 2º Graus.

O projeto de ensino da língua materna, denominado *Por uma redefinição do objeto de estudo: propostas de ensino em língua portuguesa*, visa construir uma proposta pedagógica que vá ao encontro das necessidades dos alunos e professores das escolas públicas da periferia de Porto Alegre. Para isso procura caracterizar as trajetórias vivenciadas por professores e alunos dessas escolas em termos de ensino e aprendizagem de língua portuguesa. Teoricamente, parte das concepções de linguagem de Bakhtin, Pêcheux e Bourdieu, que levam em consideração os processos histórico-sociais na produção dos sentidos. O projeto visa entre outros objetivos específicos:

- investigar as concepções de Educação e de ensino de língua materna dos professores de Língua Portuguesa da Rede Pública de Ensino;
- refletir sobre a natureza dos pressupostos teóricos em que se baseiam as diferentes práticas de ensino, as regras discursivas e lingüísticas de leitura e produção textual, o processo de avaliação da produção dos alunos;
- abrir espaços de discussão para preencher lacunas teórico-práticas evidenciadas no cotidiano dessas escolas (Zandwais, Kauer, Fávero, 1994).

O projeto integra pesquisadores da universidade, professores da rede pública do município de Porto Alegre, alunos de prática de ensino de língua portuguesa e alunos bolsistas. Os alunos estagiários recebem também uma bolsa, o que possibilita um estágio remunerado, qualificando o trabalho do aluno como o de um profissional da educação. As atividades do projeto incluem sessões de estudo, reuniões com os professores e especialistas das escolas onde farão o estágio, encontros sistemáticos com o professor titular da turma, observação das aulas, elaboração e discussão das propostas de ensino, docência, relato das aulas e reflexão. Segundo as autoras do projeto, há dois aspectos diferenciadores nessa prática de ensino:

O primeiro se dá em relação ao tempo de contato do futuro professor com a comunidade escolar. Além de ser prevista a participação do estagiário nas reuniões na escola durante todo o semestre, o estágio propriamente dito tem seu tempo "oficial" ampliado para um período de 26 a 30 horas. O segundo aspecto diferenciador expressa-se em relação às oportunidades de reflexões oferecidas **durante e após** o período de docência. As discussões

realizadas com os diferentes segmentos têm procurado contemplar: 1) busca de alternativas para redefinir enfoques tradicionais sobre leitura, produção textual e funcionamento dos componentes morfosintáticos da língua; 2) elaboração de propostas de ensino e avaliação compatíveis, ao mesmo tempo, com os referenciais teóricos e com as diferentes realidades sócio-político-pedagógicas dos alunos (Zandwais, Kauer, Fávero, 1994, p. 26).

O programa de português para estrangeiros começou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em dezembro de 1993. Fazem parte do programa professores de línguas estrangeiras e professores de língua materna, auxiliados por alunos do mestrado, bolsistas de iniciação científica, que são alunos da graduação, e bolsistas de aperfeiçoamento, que são já licenciados ou bacharéis. Os objetivos do programa são

- formar professores na área de ensino do português como língua estrangeira;
- preparar material didático para o ensino da língua;
- oferecer cursos de português como língua estrangeira abertos à comunidade;
- desenvolver pesquisas na área.

O programa conta com o apoio da SESU-MEC e, embora tenha pouco mais de um ano de existência, já está atingido os objetivos propostos.

Na área de formação de professores, foram oferecidos em 1994, três módulos de 20 horas/aula cada um. Esses cursos foram abertos à comunidade, a alunos de letras e a profissionais da área, tendo desenvolvido os seguintes tópicos:

- Aquisição e metodologia de Ensino do Português como Língua Estrangeira, com a

discussão dos aspectos teóricos da aquisição e da aprendizagem, mas desenvolvendo também a prática do ensino;

- Elementos da gramática do português como língua estrangeira, enfatizando a idéia de adequação sobre a idéia normativa de correção;
- Elaboração de materiais didáticos, considerando as diferentes áreas que compõem os cursos: produção oral e escrita, compreensão de texto e de áudio, atividades com vídeo e música.

Para o futuro estão sendo planejados módulos sobre a avaliação de materiais didáticos, ensino de literatura e cultura brasileiras e um curso de especialização em português como língua estrangeira.

Na área de material didático, foram preparados exercícios, com a seleção de textos, vídeos e músicas, que estão sendo usados e testados. Após essa testagem, avaliação e reformulação, o material deverá ser publicado em cadernos.

Na área de cursos de português para estrangeiros, são oferecidos semestralmente os seguintes cursos:

- Curso Básico de Português para Estrangeiros. Curso de 120 horas/aula, dirigido a alunos iniciantes, falantes de línguas que não seja o espanhol.
- Curso Intermediário de Português para Estrangeiros. Curso de 90 horas/aula, dirigido a alunos falantes de espanhol.
- Cultura Brasileira. Curso de 60 horas/aula, para falantes de Espanhol e de outras línguas com conhecimento básico de português. Curso preparado pelo programa com vídeos e músicas brasileira e organizado a partir de

três eixos temáticos: 1) aspectos geográficos, 2) crenças, costumes e comportamento e 3) história e artes.

- **Leitura e Produção de Textos.** Curso de 60 horas/aula, para falantes de espanhol. Usa material preparado pelo Programa, incluindo textos sobre assuntos polêmicos para conversação e produção textual.

Finalmente, na área de pesquisa, procura-se unir os interesses dos professores e dos alunos do mestrado. No mestrado, uma dissertação sobre a aquisição da fonologia do português por falantes nativos do espanhol e outra sobre estratégias de comunicação demonstra essa convergência de interesses. Dentro do próprio Programa, estão sendo coletados dados de textos escritos e orais sobre o uso do artigo, visando a uma análise de sua aquisição por aprendizes do português como segunda língua.

Para o futuro, o Programa também prevê a promoção de fórum de debates para a troca de experiências com professores e pesquisadores de outras instituições e até de outros países. Nesse sentido, já promoveu o "Seminário Regional para Definição de Estratégias para o Ensino das Línguas Oficiais do Mercosul".

Sobre o ensino da língua inglesa nas escolas de 1º e 2º Grau, o programa mais conhecido é o "Projeto Nacional de Integração Universidade - 1º e 2º Grau para a Melhoria do Ensino de Línguas Estrangeiras: Língua Inglesa; Projeto Piloto (PIMEI)". Este projeto foi implementado em 1987, com o apoio do Conselho Britânico, não só para a vinda de especialistas britânicos, mas também para a publicação dos módulos que fazem parte do programa. No momento, envolve não apenas a Universidade Federal do Rio Grando do Sul, mas também, de modo ativo, a Universidade Federal do

Rio Grande do Norte e a Universidade do Amazonas. Outras universidades também tem participado do projeto, mas de modo mais discreto.

Este projeto partiu de um levantamento da situação do ensino do inglês em alguns estados do Brasil, através de um questionário que foi preenchido por diretores, professores e alunos de inglês de escolas de 1º e 2º graus. Visava-se não apenas a descrever a situação do ensino do inglês (capacitação e experiência do professor, carga horária do professor, carga horária do aluno, número de alunos por turma, uso de materiais didáticos, objetivos do ensino do inglês, valorização do inglês no currículo e na comunidade), mas visava-se também levantar as necessidades do professores, em termos de formação e atualização.

A implementação do projeto deu-se através da criação de Núcleos de Apoio Pedagógico nas universidades que participam do programa. Entre as várias ações desenvolvidas por esses núcleos (seminários com especialistas convidados, oficinas de trabalho com professores, criação de centro de recursos, assessoria pedagógica a professores, visitas a escolas, organização de encontros, participação em eventos, palestras, etc.), vou destacar aqui a produção dos módulos instrucionais e o Programa de Educação Continuada, desenvolvido pelo Núcleo de Apoio Pedagógico do Rio Grande do Sul. Os módulos instrucionais foram criados para atualização dos professores, partindo da análise de suas necessidades. Até o momento foram produzidos e testados os seguintes módulos:

O Processo de Aprendizagem de Uma Língua Estrangeira

Avaliação no Processo de Aprendizagem

O Ensino da Leitura

Métodos, Técnicas e Abordagens para o Ensino do Inglês

Pesquisa em Sala de Aula

Produção Oral

Materiais: Avaliação, Adaptação e Elaboração

A Linguagem da Sala de Aula

A metodologia usada para a produção desses módulos consiste na

- elaboração ou seleção de textos detonadores de idéias;
- proposta de tópicos e atividades que provoquem o debate entre os professores;
- testagem, avaliação e reformulação do módulo nos núcleos que participam do programa, até que se atinja a um nível de aprimoramento que satisfaça as necessidades dos diferentes núcleos
- publicação do módulo.

A publicação tem sido feita pelas editoras das universidades envolvidas e com o apoio do Conselho Britânico. Até o momento foram publicados dois volumes, sendo que mais dois já estão sendo enviados para as editoras.

O Programa de

Educação Continuada reúne professores de língua inglesa de escolas públicas para a discussão de um tema de seu interesse. Existe no momento um grupo de 11 professores que se reúnem semanalmente na

sede do Núcleo sob a coordenação da Professora Maria da Graça Gomes Paiva. A metodologia de trabalho consiste na escolha do tema, feita pelo grupo, e no desenvolvimento desse tema através de sessões de estudo, seminários, visitas de especialistas, etc. Em 1994, por exemplo, o tema escolhido foi "A questão da Interdisciplinaridade e os Currículos de 1º e 2º Graus, de Língua Inglesa". O programa tem conseguido enviar anualmente um professor aos Estados Unidos para participar do programa "American Studies Summer Institute for Secondary Teachers", promovido pela USIS.

Olhando retrospectivamente o que tem sido feito, principalmente em termos de formação de professores para 1º e 2º Graus, acho que dá para fazer uma síntese em torno de dois aspectos.

O primeiro aspecto é a questão da dicotomia qualidade versus quantidade. Sempre achamos que o mais importante é a qualidade. No nosso caso, porém, o problema maior tem sido o da reduzida quantidade de professores que formamos e atualizamos a cada ano. Acho que nossos alunos saem relativamente bem preparados quando terminam a graduação, o trabalho realizado nos cursos de extensão e de educação continuada me parece bem feito mas é tudo muito inexpressivo em termos de quantidade, com turmas cada vez mais reduzidas. Com o desmantelamento da rede estadual de ensino, estamos formando e atualizando professores apenas para as escolas particulares e, no caso dos professores de línguas estrangeiras, também para as escolas de línguas. O desmantelamento do ensino público está provocando uma rápida privatização da educação no Brasil. Isso num país de classe média reduzida significa que a educação será dada a poucos; o resto, que é a grande maioria, ficará com o que chamo de faz de conta: faz de conta que tem aula, faz de conta que tem

professor, faz de conta que aprende.

O segundo aspecto é a dicotomia acadêmico versus administrativo. Assim como a qualidade não pode subexistir se não houver um mínimo de quantidade, o aspecto acadêmico parece também não sobreviver sem o apoio de uma ação administrativa. O problema é que essa ação administrativa está cada vez mais a cargo do professor. Na UFRGS na minha experiência e de muitos de meus colegas o bom êxito de um empreendimento, seja um projeto de pesquisa, um curso de atualização ou a organização de um evento, está intimamente relacionado à capacidade do professor em assumir os encargos administrativos e burocráticos do empreendimento desde a obtenção de fundos até a limpeza do prédio. Pelo menos na minha universidade, normalmente tiramos dinheiro do nosso próprio bolso não só para xerocar nossos projetos e cobrir despesas de correio, mas às vezes até para pagar uma faxineira para a limpeza da sala.

São detalhes caseiros que levam a uma visão bastante negativa, sem muita perspectiva para o futuro principalmente quando se trata da integração da universidade com o ensino público de 1^o e 2^o graus: de uma lado uma universidade em situação pré-falimentar, do outro uma escola que já faliu é o roto tentando ajudar o esfarrapado.

Não posso, no entanto, terminar essa apresentação num tom assim tão pessimista. Tenho a obrigação, se não de ser otimista, pelo menos de apontar para alguma solução.

Refleti sobre isso e acho que procurando bastante dá para se encontrar uma esperança, pelos menos ver uma luz no fim do túnel.

A luz que eu vejo é a seguinte: Há um consenso de que estamos entrando num mundo baseado no conhecimento. O sucesso de uma nação não depende tanto de suas riquezas naturais, mas de seu domínio do conhecimento, tanto científico como tecnológico.

Ora, se o conhecimento é importante, a universidade, na medida em que produz conhecimento, terá que desempenhar um papel importante neste mundo dominado pelo conhecimento.

Ensinar, disse alguém é tocar o futuro. Nós ensinamos. Com o programa de iniciação científica para os alunos da graduação, estamos até ensinando a produzir conhecimento. Com a ampliação de opções no novo currículo, estamos dando aos alunos da UFRGS a oportunidade de entrar em contato com outras áreas, facilitando o conhecimento. Acho que isso dá uma esperança, pelo menos na medida em que a universidade se mostrar capaz de produzir conhecimento.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Maria Lília Dias de. A reformulação curricular no Curso de Letras. *Cadernos do IL*. Porto Alegre: UFRGS, n. 12, p. 7-14, dez. 1994.

ZANDWAIS, Ana; KAUER, Maria Alice; FAVERO, Teresinha Oliveira. Repensando o ensino de língua portuguesa; uma possibilidade de discussão teórico-prática. *Cadernos do IL*. Porto Alegre: UFRGS, n. 12, p. 21-28, dez. 1994.